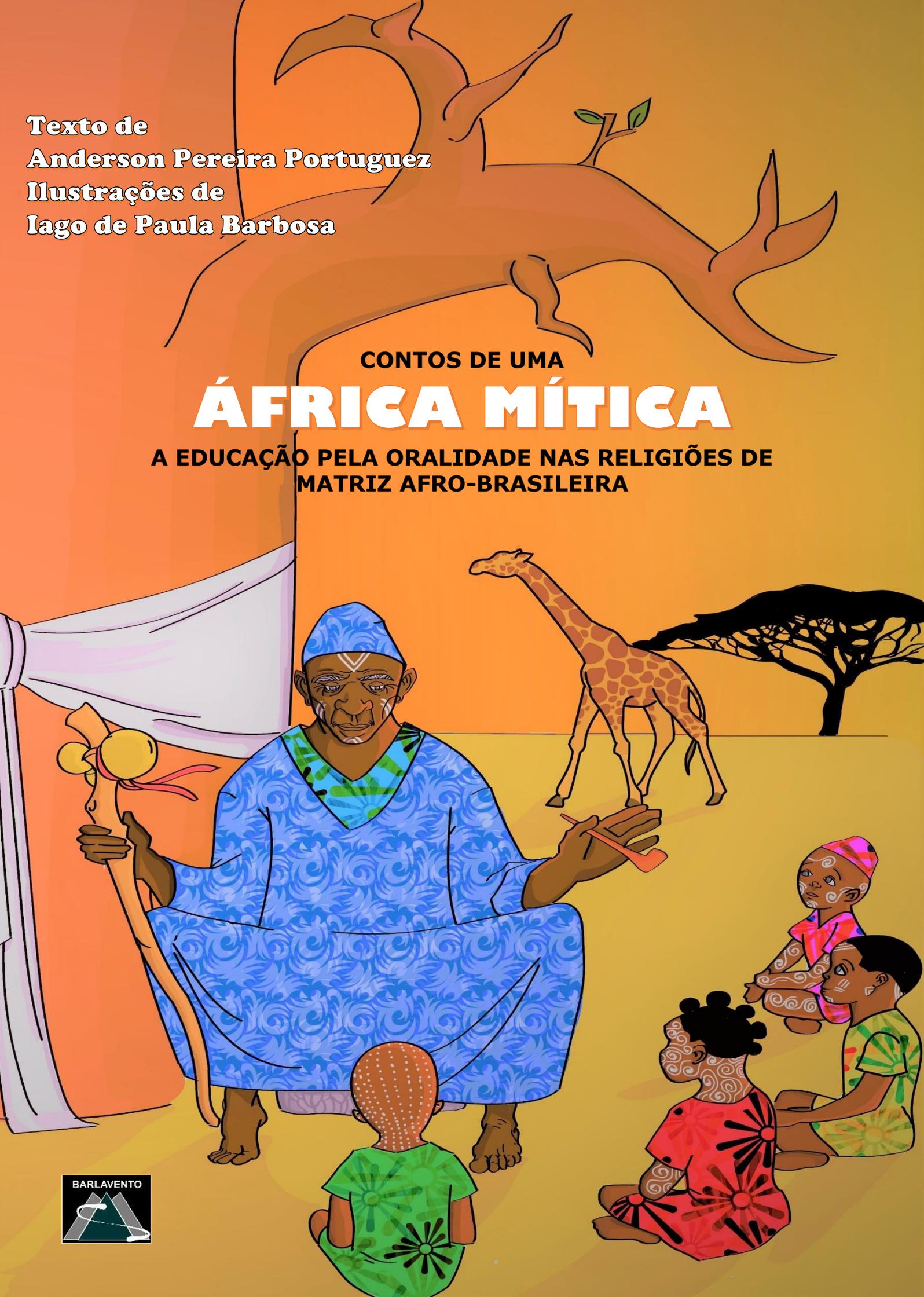


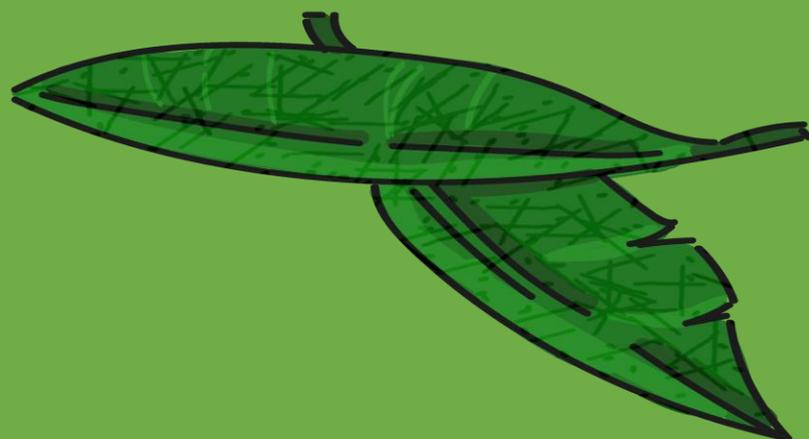
**Texto de
Anderson Pereira Portuguez
Ilustrações de
Iago de Paula Barbosa**

CONTOS DE UMA

ÁFRICA MÍTICA

**A EDUCAÇÃO PELA ORALIDADE NAS RELIGIÕES DE
MATRIZ AFRO-BRASILEIRA**





CONTOS DE UMA
ÁFRICA MÍTICA

A EDUCAÇÃO PELA ORALIDADE NAS RELIGIÕES DE
MATRIZ AFRO-BRASILEIRA

Texto de
Anderson Pereira Portuguese
Ilustrações de
Iago de Paula Barbosa

**Ituiutaba, MG
2018**



© Anderson Pereira Portuguese, 2018.
Ilustrações: Iago de Paula Barbosa, 2018.
Arte da capa: Iago de Paula Barbosa e equipe *E-Books* Barlavento.
Revisão: Mical de Melo Marcelino
Diagramação: José Wagner do Nascimento Neto

E-Books *Barlavento*

CNPJ: 19614993000110. Prefixo editorial: 6 8066 / Braço editorial da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Asé Babá Oloriginbin.
Rua das Orquídeas, 399, Cidade Jardim, CEP 38.307-854, Ituiutaba, MG.

E-mail: *barlavento.editora@gmail.com*

Conselho Editorial da E-books Barlavento:

Dra. Mical de Melo Marcelino (Editor-chefe).

Dr. Antônio de Oliveira Junior.

Profa. Claudia Neu.

Dr. Giovanni F. Seabra.

Dr. Rosselvelt José Santos.

Msc. Leonor Franco de Araújo.

Profa. Maria Izabel de Carvalho Pereira.

Dr. Jean Carlos Vieira Santos.

Contos de uma África mítica: a educação pela oralidade nas religiões de matriz afro-brasileira. / *Anderson Pereira Portuguese. Ituiutaba: Barlavento, 2019, 570p.*

ISBN: 978-85-68066-62-1

1. Cultura Popular 2. Religião. 3. Geografia das representações. 4. Educação para as relações étnico-raciais.

I PORTUGUEZ, Anderson Pereira (autor). II. Iago (ilustrador).

Todos os direitos desta edição reservados aos autores, organizadores e editores. É expressamente proibida a reprodução desta obra para qualquer fim e por qualquer meio sem a devida autorização da E-Books Barlavento. Fica permitida a livre distribuição da publicação, bem como sua utilização como fonte de pesquisa, desde que respeitadas as normas da ABNT para citações e referências. O conteúdo de cada capítulo é de inteira responsabilidade de seu autor e seu ilustrador.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, entidades espirituais da Umbanda, Santos Católicos e Orixás do Candomblé. Os homens definitivamente não se compreendem, mas a espiritualidade, seja ela como for, sabe das coisas e sabe coexistir.

Aos amigos da Editora Barlavento, braço editorial da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Babá Olorigin, pela viabilização dessa publicação.

Aos colegas professores da Universidade Federal de Uberlândia e da Universidade de Brasília, que oportunizaram a realização dessa pesquisa.

Aos parentes e amigos, que além de compreender nossa ausência durante os trabalhos de campo, contribuíram de diferentes maneiras para o sucesso dessa empreitada.

Prefácio

O kan gba soke lati ko awon ti o joko lati ko ekọ

Só se levanta para ensinar, aquele que se sentou para aprender. Provérbio Yorubano.

Há cerca de 10.000 anos, os africanos construíram comunitariamente um sistema filosófico de vida chamado Ifá, ou Fá para muitos no continente. Esses ensinamentos foram repassados por milênios, oralmente, já que os povos africanos, de maneira geral, não configuraram a escrita como conhecemos hoje. Isso não nos impediu de criarmos um sistema axiológico que deu origem a diversos conhecimentos e valores que propagamos e vivemos no nosso cotidiano.

Esse Sistema Axiológico, onde se articulam valores éticos, cerimônias, tradições, hierarquias, sacralizações, oferendas compensatórias (dar e receber, manter o equilíbrio), que tem na sua manutenção oral a utilização de Mitos, com compreensão diferenciada do conceito estabelecido pela filosofia ocidental europeia¹, e Itãs (Korin- cânticos e Orikis – poemas de louvação), chegou a diversas partes do mundo através da Diáspora Negra Africana, maciçamente quando milhões de africanos foram dispersos pelos continentes escravizados pelos europeus ocidentais. Assim foi na América e no Brasil.

A cultura de tradição Africana Negra Yoruba se caracteriza por elaboração ou visão de mundo que se constrói a partir de princípios transcendentais, forças cósmicas, que regem/organizam o Aiê (meio terrestre) orientadas por

¹ A filosofia grega, em particular, promoveu, depois do século VII A.C., um rompimento entre o *logos* e o *mythos*, onde o *logos* se traduziu como razão e o *mythos* como mágico e inexato, ou seja, se ciência é razão o que se constrói baseado no Mito não pode ser considerado ciência, não tem razão, não é um saber demonstrável. (SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. P. 44).

Olodumare, pelo Orun. Esses princípios dão corpo a valores sociais incorporados por narrativas míticas associadas a uma "Pedagogia Negra Inciática". Assim, as divindades nagôs, são princípios cosmológicos que representam a Origem e a Evolução do Aiê, e inspiram/respiram os valores sociais como as relações/complementações homem/mulher, mulher/mulher, homem/homem, mãe/filho, pai/filho, mais velhos/mais novos etc. Esses princípios se distinguem entre si e são inexoravelmente complementares.

O Mito assume assim significado totalmente diferenciado do construído pela filosofia "ocidental". Ele não se restringe ao mito da fundação ou da origem, ele é a origem, ele é contemporâneo, revivido no cotidiano negro brasileiro, utilizado como as linhas que sustentam a ancestralidade num tear que nunca cessa, e desenha novas tramas todos os dias. Os Mitos, pela sua magnitude na constituição da ancestralidade, constroem a estética da unidade entre as nações que compõe o Candomblé, e também nos outros territórios negros. Eles são os fios constituintes do sistema cosmontológico negro africano.

Esse tesouro chamado "Contos de Uma África Mítica: A Educação pela Oralidade nas Religiões de Matriz Afro-Brasileira" de autoria de Anderson Portuguese nos revela, através de textos frutos de nossa escuta respeitosa às/aos nossas/os sábias/os ancestrais, lições profícuas e restauradoras de nossa cidadania e conduta harmoniosa.

O Educar para nós vai além do científico, da ciência que separa a razão da emoção; o educar para nós ultrapassa as barreiras de gênero, de geração, de orientação sexual, de classe e de cor, pois ele é construído e partilhado com todas e todos; o educar para nós é mais do que aprender um conteúdo, é tecer os fios da existência que nos mantém ligados e religados em equilíbrio; o educar para nós ultrapassa a barreira do tempo linear, ele é exúlico, atravessa existências e reconstitui ligações num movimento de vida e morte constante, nos reconectando com nossa ancestralidade e nossos antepassados.

Os Terreiros são espaços pedagógicos onde aprendemos ouvindo, observando, dançando, comendo, fazendo e

refazendo constantemente. Educar através da oralidade é dar corpo, cor e sentimento ao texto. É ressignificar, reificar, reviver valores milenares que não são estáticos e nem conservadores, são atuais e atemporais. Ancestralidade, Orixás, Mitos, Itãs, Tradição, Cultura, Hierarquia, ética, estética africana, oráculos, oferendas se amalgamam para construir constantemente, e de maneira sempre diversa, o mundo, o Aiê, a comunidade, as pessoas (Ara-Aiê).

O conceito Ubuntu, para nós, é um verbo-substantivo: significa homem enquanto humanidade, ou seja, para ser percebido como humano, o indivíduo é, sendo junto a Outro; ele só se educa na construção coletiva do conhecimento.

Assim como diversas personalidades desses contos, nossa generosidade deve estar a serviço de todas e todos, para que educar passe de um simples ato de aprender coisas para uma ação de construir vidas comunitariamente com valores que ressignifiquem nossos fazeres cotidianos, e contribuam para que todas e todos aqueles, do Candomblé ou não, sejam atores na importante luta contra a Intolerância Religiosa e o Racismo no Brasil.

Ekeji Leonor Franco de Araújo.

Historiadora, Doutoranda do Programa de Doutorado Multinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da UFBA. Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo



Ramunha

Por 3 meses e 21 dias, comi com a mão, dormi em esteira, tomei banho frio, falei baixo, cobri a cabeça e olhei para o chão.

Meu cabelo foi cortado e raspado. Tive minha vaidade despregada de minha cara, para nela, estampar as feições de um verdadeiro iniciado.

Por um ano vesti branco, me privei das festas, não brinquei carnaval, não compareci ao enterro dos meus entes queridos, não me banhei nem no rio, nem no mar.

Por 7 anos carreguei mokàn, andei descalço no terreiro, me abaixei para falar com meus mais velhos, pedi agô de joelhos nas portas, comi por último e fui dos primeiros a acordar e dos últimos a ir dormir.

Por toda a vida, bati palmas ocas para evocar meus ancestrais e divindades. Busquei seixos rolados no rio para neles depositar minha fé.

Por muitas vezes, comi sem sal, sem alho e condimentos e ainda assim rezei e louvei o prato de comida.

Cuidei dos animais com carinho, os enfeitei com contas e laços, pus minha cabeça no chão para ter direito a me alimentar de sua carne e alimentar meu sagrado com seu axé.

Por toda a minha vida, levei minha testa ao chão, toquei o solo com meu peito para que meus passos pudessem ser abençoados pelos Orixás.

Troquei de benção com mais novos e mais velhos e aprendi que para ser abençoado, é preciso se abaixar humildemente diante dos mais experientes.

Por toda a minha vida, fiz banho de folha pisada no pilão, coado na peneira e curtida no porrão. Banho de folha é banho de vida.

Moí canjica, quebrei feijão fradinho, pilei inhame, torrei milho, cozinhei em fogão a lenha e lavei louça por horas e horas.

Tudo isso faz parte da religião dos ancestrais africanos, gente escravizada, de muita fé e resiliência. Isso é Candomblé.

Passei por tudo isso por toda a minha vida, não só nos tempos de *yawo*. Tudo isso me ajudou a aprimorar a alma, alargar minha visão de mundo e a aprender que o que se faz por amor aos Orixás, se reverte em amor a si mesmo.

Chorei, me entristeci, gritei, desafiei, mordi. Sou humano. Decepcionei algumas pessoas e fui decepcionado por muitas outras.

Mas também, gargalhei, rolei no chão do barracão de tanto rir com meus irmãos, fiz peraltices e neguei com veemência quando flagrado em deslizes. Faltei muitas funções, mas fui para tantas outras. Sou humano como qualquer outro.

Faria tudo de novo. Não me arrependi de nada, pois Orixá sempre foi vivo em mim e nunca deixará de ser.

Hoje me sinto mais cansado, menos resistentes às noites em claro, minhas costas doem, mas ainda assim continuo firme na função, pois sinto que nasci para isso.

Só quem viveu tudo isso sabe o poder do calafrio causado por uma Ramunha, só quem viveu isso tudo sabe o porquê de se arrepiar com o Agueré e com o pulsar do Alujá.

Foram muitas histórias, muitas vivências, muitas vitórias e muitas lágrimas.

O futuro pertence a Olorun e aos Orixás. Meu tempo presente é pleno e vívido. E é isso que importa.

Essa obra faz parte das comemorações de meu *Mo kànlélógún* (21 anos de iniciado). 21 anos não são 21 dias, mas também não fazem de mim melhor nem pior que ninguém. Apenas me permitem refletir e testemunhar para os mais jovens que, em jornada longa, o percurso vale muito a pena.



Anderson Pereira Portuguez
Ituiutaba, agosto de 2018

Apresentação

O presente livro tem por objetivo reunir algumas pequenas histórias que servem de base para se refletir sobre os processos educativos no âmbito das casas religiosas de matriz afro-brasileira.

Como o leitor observará, as histórias são contos inspirados em vivências do autor, mas que fique claro, são todos fictícios. Não são itãs de Ifá e foram produzidos com o objetivo de provocar reflexões sobre o que se aprende no processo formativo dos religiosos enquanto novos seguidores da Umbanda e do Candomblé.

Embora sejam contos dotados de licenças poético-literárias, as historietas presentes nessa obra são baseadas em passagens da vida do autor ao longo de seus 32 anos de dedicação à Umbanda e 21 anos de iniciado no Candomblé.

O que se aprende no terreiro é levado para a vida. Portanto, o sistema de valores ligado à religiosidade afro-brasileira pretende produzir cidadãos comprometidos com sua ancestralidade, com suas divindades, com a ressignificação da história dos negros no Brasil, com o respeito aos mais velhos e com um senso de comunidade solidária dotada de fortes laços afetivos.

O terreiro é um microterritório multifuncional que reúne uma série de formas arquitetônicas e paisagísticas que desempenham muitas funções e possibilitam muitos usos. Ali, para além das atividades tidas como tipicamente sagradas, cuida-se da saúde dos frequentadores, do apoio emocional, da alimentação coletiva, da formação escolar dos mais jovens, do cuidado com os idosos, da educação comportamental, dos conhecimentos tradicionais de corte-costura, de cerâmica, de ferraria, de plantios, de pastoreio e muitos outros.

Aprende-se ainda arte, moda, dança, música e outros conteúdos. Todo esse acervo de fazeres e saberes estão ligados entre si pela tradição e pela ancestralidade afro-brasileira.

Nesse livro, procuramos unir a tradição das histórias de terreiro com a ilustração. As histórias trazem conceitos religiosos, vocábulos e fragmentos lexicais de antigos dialetos africanos, valores religiosos e traços da visão de mundo dos povos de terreiro. As ilustrações, de sua parte, trazem representações imagéticas de uma África abrazeirada, ou seja, mostra como África é descrita nas histórias, como ela é imaginada a partir dos relatos perpetuados no espaço sagrado.

Portanto, essa obra pode servir de base para trabalhos realizados por professores de diferentes áreas do conhecimento (Matemática, Artes, História, Geografia, Literatura, Línguas e outras). Os textos inspiram diferentes reflexões e podem resultar em trabalhos interdisciplinares interessantes para o ensino da cultura africana e afro-brasileira.

Para tanto, desde a capa do livro procuramos mostrar que o terreiro é a representação de uma África imaginada, mítica, sintetizada nos complexos templários e sobre a qual os religiosos muito falam, mas pouco conhecem.

Todas as histórias, mesmo as que se ambientam em cidades africanas, foram relatadas a partir de personagens brasileiras, exatamente da forma como ocorre nos terreiros de hoje. Trata-se de uma narrativa nossa sobre o que se ouviu dos antigos.

E para trazer ainda mais elementos para o leitor compreender como se aprende no terreiro, algumas histórias foram narradas por entidades espirituais, pois a voz dos antepassados incorporados é, sobretudo para Umbandistas, fonte de muita aprendizagem e conhecimento.

Assim, esperamos colaborar com trabalhos diversos (no âmbito educativo) com um tipo de conteúdo produzido de dentro do terreiro para o ambiente escolar. Desejamos que os professores leiam os textos para seus alunos, que pesquisem o significado dos vocábulos desconhecidos, que identifiquem o discurso moral presente em cada história e que observem o papel das personagens em cada conto. Desejamos ainda trazer em breve outros livros com igual propósito, porém com conteúdo diverso desse, mas que também trate do universo cultural afro-brasileiro.



Sumário

Alagbè: o contador de histórias.	15
Iroko o e papagaio-da-costa.	20
O feitiço que se voltou contra a feiticeira.	24
A truculência do carneiro do Rei.	33
Oxalá, o perdão e o silêncio.	36
Fidelidade e obediência.	39
Árvore que se curva, vento não quebra.	44
O pássaro condenado à solidão.	48
A perseverança agrada Irossun.	52
Exu é um bom professor.	57
A circularidade da vida.	60
O altar dos ancestrais.	64

Alagbè: o contador de histórias

Pai Renato, ogã do terreiro de Mãe Luzia, me contou sobre seus tempos de molecote, quando aprendeu a tocar os instrumentos sagrados do culto aos Orixás. Com alegria e saudades, falou do Alagbè Nonô de Ogunjá, um senhor já idoso, sorridente, que lhe ensinou tudo o que sabe sobre os ritmos e cânticos do Candomblé.

Das muitas histórias que escutou de seu mestre, Pai Renato me relatou uma, dentre todas, que mais lhe chamou a atenção.

Segundo Pai Nonô, quando chegava a época da colheita, uma parte dos frutos da terra era separada para a grande festividade da cidade. Os agricultores de todas as aldeias levavam balaios de tubérculos para a praça do palácio, para que a comunidade pudesse realizar um grande banquete coletivo, em homenagem aos Orixás, agradecendo pela fertilidade do solo, pelas chuvas e pelo bom crescimento das plantas.

Nessas ocasiões, os Orixás e ancestrais costumavam vir festejar com seus devotos e iniciados. Um Alagbè, ou seja, um contador de histórias que recitava versos cantados, sempre era chamado para capitanear as festividades.

O Alagbè Ohunokè era um homem muito distinto, criativo e com espírito de liderança e, por esse motivo, ele sempre era convidado e tratado com respeito e reverências por todos. Toda vez que viajava, levava consigo o jovem Kayodè, seu filho mais velho, para ensinar-lhe o ofício de recitador dos versos sagrados.

O Alagbè cantava historietas na forma de canções improvisadas, inventadas no calor da festa, inspiradas pelos seus ancestrais e seu Orixá. Normalmente, os acontecimentos que iam do plantio à colheita eram relatados pelo cantador e a população local adorava ver seu cotidiano ser resumido na forma de belas cantigas, cujo ritmo incentivava a todos a dançar e confraternizar.

Quando a grande rainha das águas doces se manifestava em suas iniciadas, lá ia o Alagbè abrindo caminho pela vila, contando para a Orixá o que tinha ocorrido na aldeia desde sua última visita.

De frente a uma casa, ele cantava o nascimento de uma criança; em outra, o falecimento de um ancião; em outra, relatava casamentos e assim por diante. Com seus versos improvisados, o Alagbè contava para as divindades as novidades do mundo, além de relatar-lhe os acontecimentos da comunidade como um todo.

Todos diziam: “Nosso Pai Alagbè é um homem de ori poderoso. Ele é criativo e muito inteligente. Salve o seu ori abençoado! Orioooooo!”

Os Orixás se agradavam com seus versos e cantorias e dançavam alegremente enquanto ele cantava. Ao saber de um nascimento, abençoavam a criança, ao saber de um casamento, abençoava os enamorados e ao saber de um falecimento, consolavam os parentes.

Para as pessoas do povoado, o Alagbè era sua voz. Ohunokè é o eco da montanha, é a voz que ressoa nos dois mundos. Seus versos improvisados, sempre bem ritmados, emocionam homens, mulheres, Orixás e Ancestrais.

— Saurè Alagbè Ohunokè. Saudamos a voz que ecoa no Orun e no Ayè. Saudamos nosso contador de histórias. Saurè!









Iroko o e papagaio-da-costa

Certa feita, estávamos todos (as crianças do axé) brincando ruidosamente próximos ao grande pé de Iroko, uma das árvores sagradas do terreiro. Mãe Luzia já estava sem paciência de tanto pedir silêncio, mas nós, crianças peraltas, não conseguíamos ficar quietos por mais que alguns minutos.

Para tentar nos conter de uma forma mais eficiente, Mãe Rosa de Yemonjá, a Iyatojuomo da roça, nos colocou ao seu redor e nos contou uma bela história sobre o Atinssá sob o qual estávamos. Antes, porém, arrastou-nos para a sombra de uma mangueira e enquanto saboreávamos seus frutos, ouvimos:

“Iroko, a grande árvore ancestral, lançou suas sementes sobre a pedra, mas elas não germinaram. A pedra era dura e os rebentos não conseguiam se fixar.

Iroko lançou suas sementes sobre a lama do manguezal, mas as sementes não germinaram. Apodreceram com o excesso de umidade.

Iroko lançou suas sementes na areia da praia, mas as sementes não germinaram. A areia era frequentemente lavada pela maré cheia e as sementes não conseguiam sossego para crescer em paz.

Iroko lançou suas sementes no fundo de uma caverna, mas elas não germinaram. Sem a luz do sol, as sementes murcharam e morreram.

O papagaio cinza, de penas vermelhas na calda, pousou no galho de Iroko e perguntou-lhe por que fazia aquilo. Será que Iroko não sabia onde lançar suas sementes e as desperdiçava lançando-as em qualquer terreno?

Sábio, Iroko respondeu que lançou suas sementes por toda parte intencionalmente. Não fez isso procurando um lugar onde pudesse fazer crescer outras árvores. O



ambiente correto para semear seus descendentes Iroko já conhecia: era o solo argiloso e seco da Savana.

Nas Savanas, os ancestrais de Iroko desenvolviam-se há milênios e de certo seus descendentes também prosperariam naquela paisagem.

Iroko apenas deu aos outros terrenos a oportunidade de serem férteis ao seu legado. Mas eles não puderam ser úteis a Iroko, pois suas naturezas não combinavam com o que as sementes necessitavam para germinar.

O papagaio disse para Iroko que sua atitude era muito respeitável, que ele mesmo já adornara muitas cabeças com o ekodidè, as penas vermelhas de sua calda. Disse que assim como os terrenos inférteis, muitas cabeças não prosperaram, mas que em muitas outras, as penas resultaram em grandes feitos.

Olhando tranquilos a imensidão da paisagem africana, Iroko e o papagaio concordaram: eles fizeram o seu melhor, mas não é toda terra que serve para semear sementes, nem é toda cabeça que serve para ser adornada com uma pena vermelha.

Iroko e o papagaio foram generosos. Eles se consolaram ao perceber que o problema não está naquele que oferta com generosidade, mas sim naquele que recebe dádivas sem ter condições de dar-lhe o devido valor.

É mesmo lindo o entardecer nas savanas africanas!”





O feitiço que se voltou contra a feiticeira.

Pai Joaquim de Aruanda é o preto-velho chefe do terreiro. Em todas as giras de Umbanda, ele faz suas preleções de doutrinação, durante as quais relata algumas historietas.

Certa feita, ele contou que três irmãs que moravam em um aldeamento distante, no rumo da antiga cidade de Kinkala, no Congo, se apaixonaram pelo mesmo jovem agricultor. A mais nova, porém, não confiando em seus atrativos morais e físicos, resolveu fazer feitiços para casar-se com o belo rapaz.

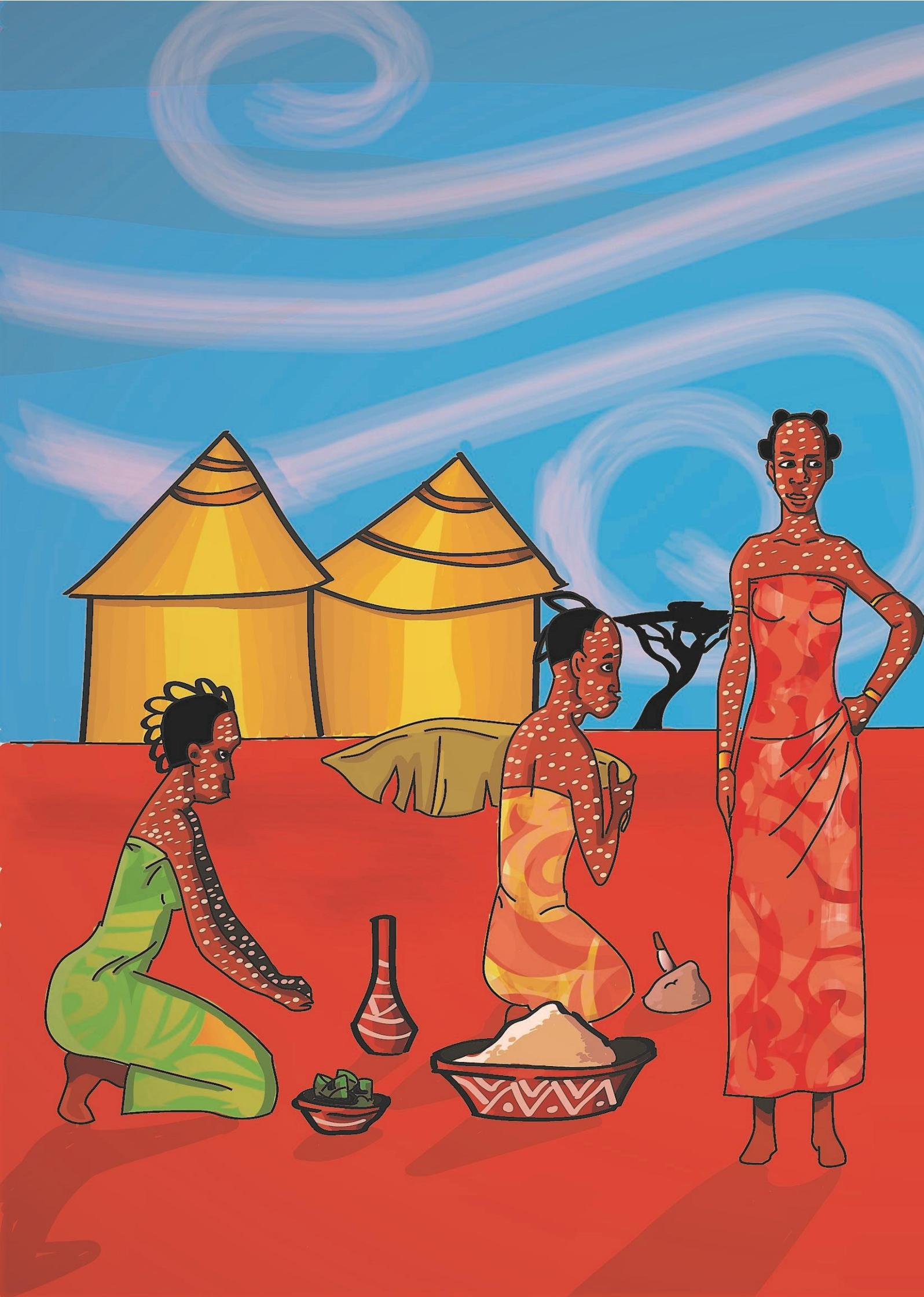
Fez muitos feitiços na mata, na margem do rio, na encruzilhada e nos ninhos de corujas e, com isso, conseguiu fazer com que ele se interessasse por ela e ignorasse suas irmãs.

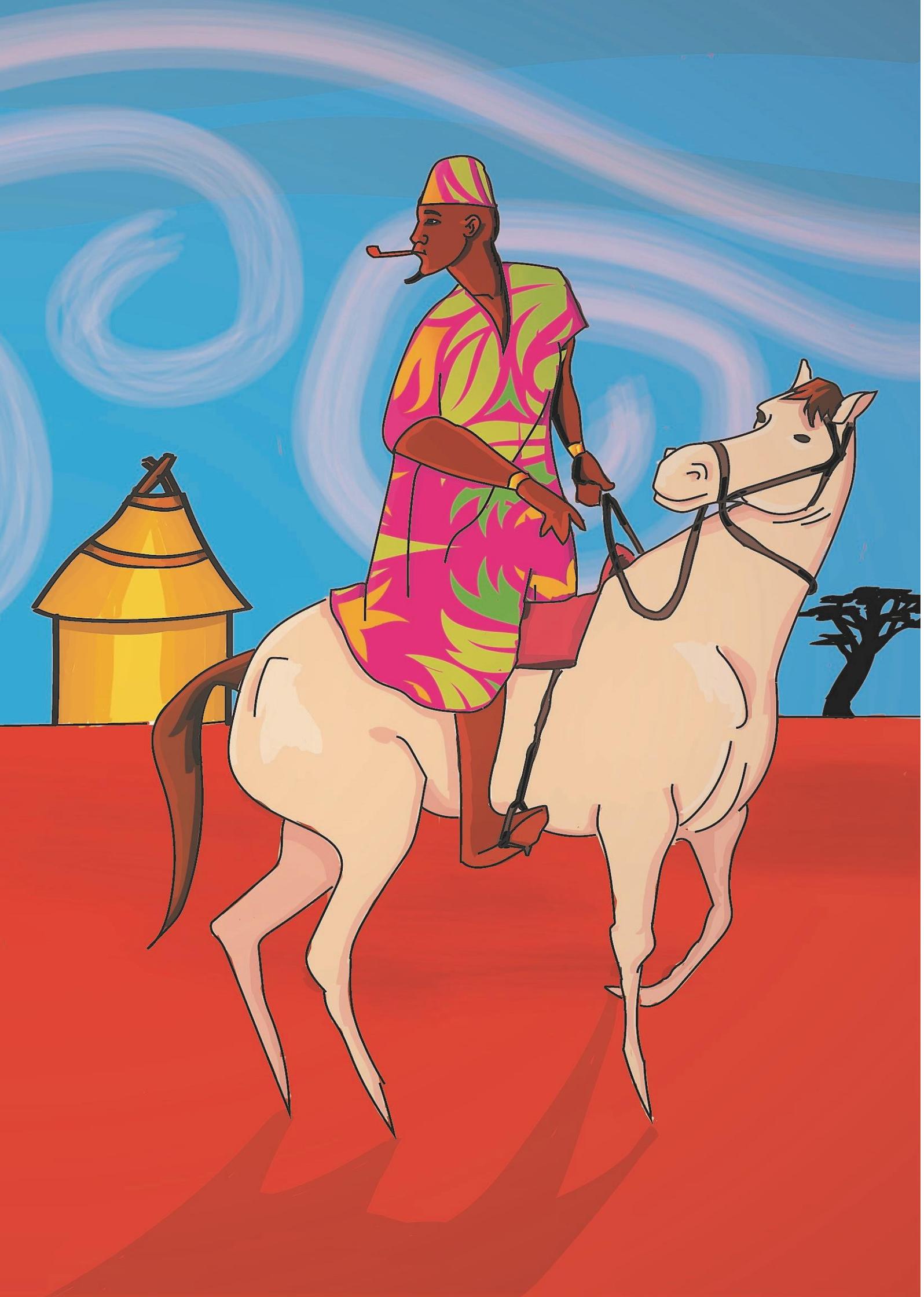
As outras duas moças aceitaram a perda, mas nunca perdoaram verdadeiramente a caçula pelo que ela fez. Sempre se trataram com respeito, mas com desconfiança e, ocasionalmente, algum despeito.

Com o passar do tempo, o rapaz se mostrou violento, irresponsável e mulherengo. Apreciava ver as moças do vilarejo lavando as roupas no córrego e flertava com elas sempre que por ali passava. Bebia muito e não gostava de cultuar os ancestrais.

O feitiço voltou-se contra a feiticeira. Alterou o destino do casal, mas não mudou o caráter desviado do homem. O feitiço uniu duas pessoas, mas não os seus corações. O que a feiticeira principiante não sabia é que os feitiços da paixão são temporários, eles causam uma espécie de transe, uma ilusão afetiva e não sentimentos verdadeiros. Exigem gastos altos e muito raramente resultam em sentimentos sinceros.

As outras irmãs sempre se riam escondidas e comentavam à boca miúda, uma com a outra, sobre a sorte que tiveram em não terem aquele traste como marido. Desdenhavam da irmã mais nova pelas suas costas, chamando-a de feiticeira azarada.





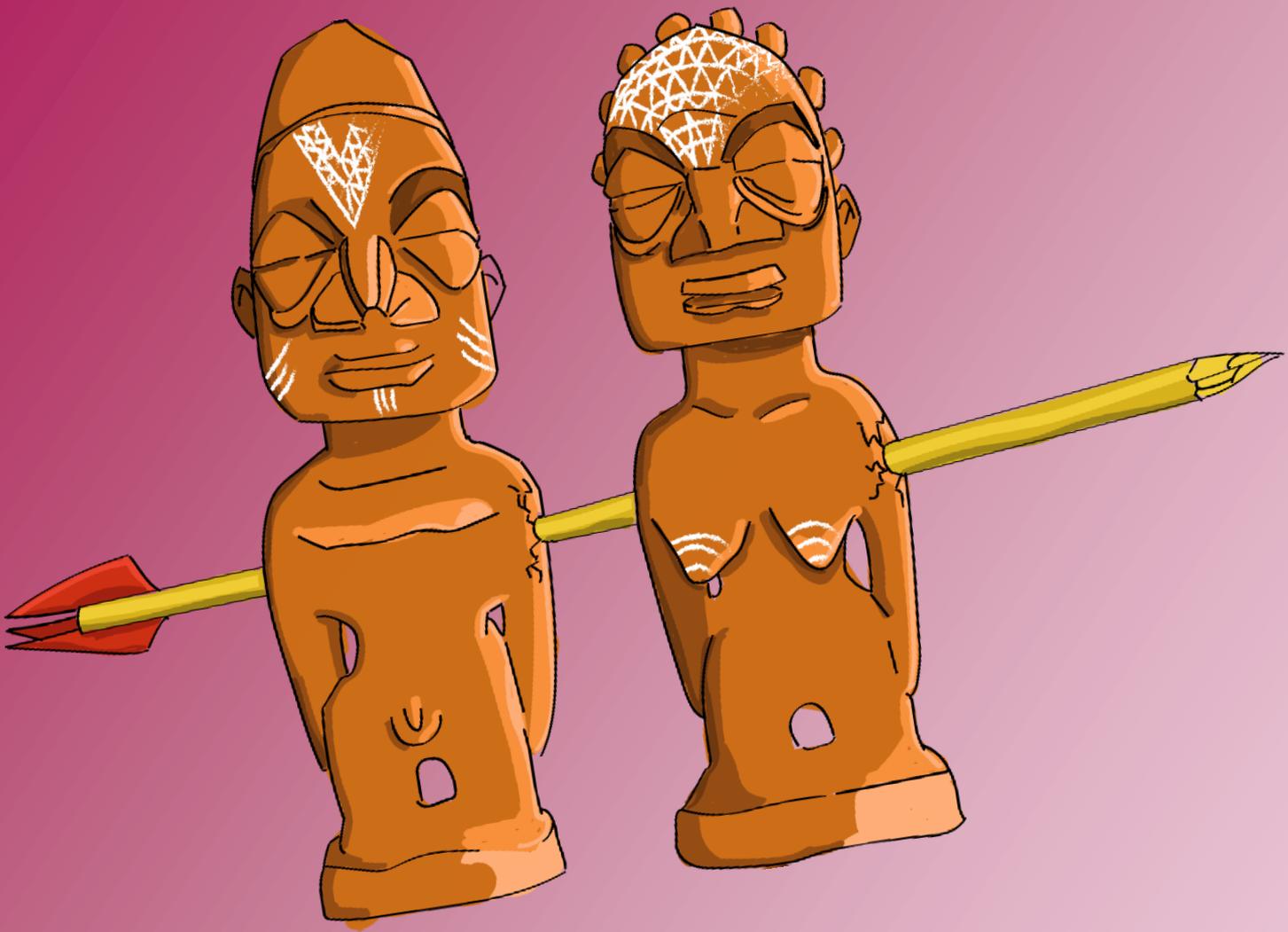


Na intimidade da casa, o casal não se tratava com muito afeto, ainda que se portasse bem publicamente. E aos poucos, a jovem feiticeira tornou-se uma mulher frustrada, mal-amada e cheia de rancores.

Depois de um tempo, em uma noite de bebedeira entre amigos em uma festa, o rapaz sofreu uma queda e ficou parálítico. Para o resto da vida a moça teve que cuidar dele, pois, ao alterar o destino de seu marido, ela comprou para si os desígnios do Odu daquele homem desafortunado.

Com isso, as moças da vila aprenderam que todo feitiço de paixão tem um preço alto. Não vale a pena brincar com energias que não se conhece.

Dizem que até seu falecimento, em idade bem avançada, a mulher enclausurou-se em sua casa, isolou-se do mundo para cuidar de seu marido moribundo, que viveu um pouco mais que ela.













A truculência do carneiro do Rei

Pai Severino, um preto-velho de Umbanda, certa vez quis dar um ensinamento para os filhos que naquela noite recebiam seus passes e benzeções. Com sua voz rouca, firme e amorosa, ele contou a seguinte história:

“Um homem presenteou o grande Rei com um carneiro grande e imponente. Mas o carneiro era muito bravo e vivia dando trabalho.

Certo dia, cansado de ver seu carneiro fazer os outros sofrerem com brigas e agressões, o rei determinou que o animal fosse isolado, amarrado e que só voltasse ao convívio dos outros no cercado quando aprendesse a conviver com os animais mais fracos.

O animal foi levado pelos seus servos e amarrado a uma árvore, junto à boca da mata, nos arredores da aldeia dos pastores do reino. De lá, o carneiro berrava e incomodava a todos que trabalhavam por perto.

Pela noite, um leão devorou o carneiro, que agonizando, gritou muito em seus últimos momentos de vida. Ninguém foi acudi-lo. O animal violento e barulhento não despertou piedade em ninguém. Seu destino foi sofrer na pele a agressividade que sempre impôs aos outros.”

Pai Severino é um sábio ancião, que trabalha arduamente pela elevação espiritual de seus filhos. Com esse breve relato, ele mostrou para todos que a truculência não combina com o cultivo de amizades verdadeiras e parcerias proveitosas.

— Soberbos não são sabidos! — disse o preto-velho. Para conviver bem com todos é preciso ter humildade, postura e respeitar os que são mais frágeis.





Oxalá, o perdão e o silêncio.

Uma antiga Egbomi do terreiro de Mãe Baiana, certa feita me ensinou sobre Oxalá, o grande e misericordioso Orixá da criação, senhor das vestes brancas e da pureza.

Segundo ela, Oxalá ajudou o lenhador. Ficou dias empilhando troncos e no final de uma semana, o homem agradeceu-lhe e lhe fechou a porta da casa, sem sequer lhe presentear com algumas sobras de madeira para que pudesse cozinhar seu ebô.

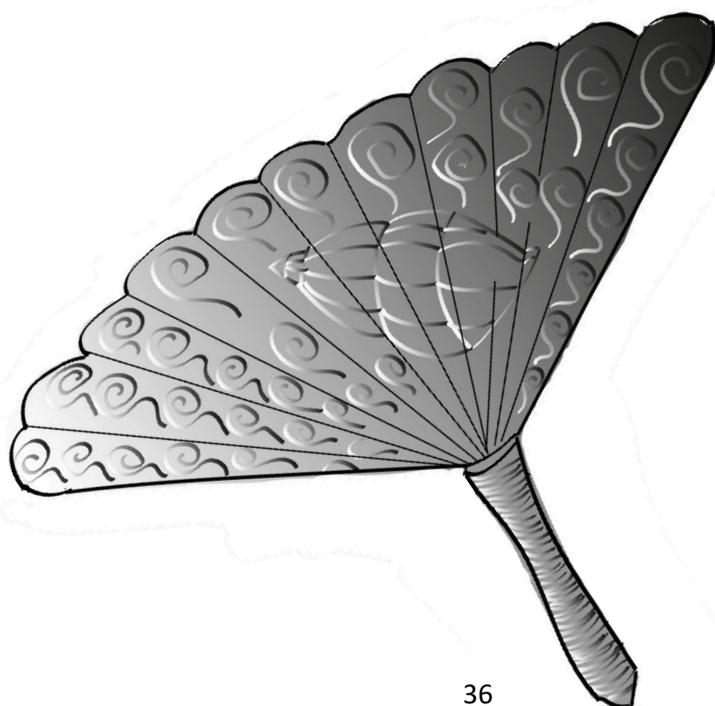
Oxalá ajudou o agricultor a plantar tubérculos, mas na época da colheita, o moço não deu nem um inhame ao pobre ancião.

Oxalá consolou a viúva, mas depois de uns meses, viu-a desposar outro homem sem sequer encerrar o rito anual de axexê de seu marido falecido.

Oxalá carregou o balaio de peixes para o mercado. Chegando lá, os ladrões se aproveitaram de sua velhice e roubaram-lhe o cesto.

Oxalá adormeceu na rede e os pássaros se aproveitaram de seu sono profundo para devorar os frutos do seu quintal.

Oxalá se entristeceu com o mundo, se decepcionou com os homens e chorou silenciosamente. Secou suas lágrimas e voltou a ajudar a quem precisasse.





Oxalá é sábio, pois entende o valor do tempo e sabe que tudo no mundo funciona em ciclos. A circularidade da vida nos obriga a rever os nossos atos e quem hoje abusa, um dia será abusado; quem desdenha, um dia será desdenhado; quem mente, um dia será desmentido; quem ama, será amado; quem oferece, receberá ofertas e quem espera a hora certa, será agraciado com os frutos do outono.

Oxalá é misericordioso para com aqueles que reconhecem seus erros e pedem perdão antes de a vida completar seu giro. Depois que o ciclo se fecha, Oxalá não se pronuncia mais. O seu silêncio é a pior condenação que alguém pode receber, pois depois que Oxalá se silencia, nem mesmo a morte ousa fazer ruídos.

Para Oxalá, que é sábio e tem toda a eternidade diante de si, o tempo e a paciência são os ingredientes do melhor de todos os ebós.



Fidelidade e obediência

Lá no terreiro, tia Palmira sempre nos contava as histórias que ouviu quando criança. Ela é bisneta de um escravizado das terras yorubá, que, segundo ela, era conhecido como Seu João Ferreiro.

Tia Palmira nos contou que os guerreiros liderados por Tokwembu eram disciplinados e fortes. Tokwembu, iniciado para seu Orixá Baru, não tolerava traidores e indolentes entre seus homens.

Tokwembu era valente, destemido e quizilado. Sua personalidade forte o metia em muitas contendas e ele exigia muito daqueles que comandava.

Certo dia, Tokwembu permitiu que seus guerreiros descansassem, que visitassem suas aldeias e que cuidassem de suas famílias. Advertiu-os, entretanto, que não toleraria bebedeiras e desordens durante o repouso, pois um bom soldado, mesmo quando descansa, deve estar atento e vigilante. O perigo pode surgir de um momento para outro e se Tokwembu os chamasse de volta, deveriam estar em condições de defender o reino.

Alguns amigos foram para uma aldeia localizada a sudoeste da cidade de Ogbomoshó, onde viviam seus pais e noivas. Lá, o mais velho, que era muito inconsequente e não sabia dar exemplo aos mais novos, confraternizou com seus amigos, bebeu muito e causou grande arruaça, justamente no dia em que a população da aldeia se reuniu para louvar os ancestrais.

Babá Egungun foi queixar-se com Tokwembu. Sentia-se ofendido e exigiu que o general educasse melhor seus subalternos. O sangue de Tokwembu ferveu em suas veias e a ira tomou conta de seu espírito.

Tokwembu se sentiu envergonhado e prostrando-se diante de Babá Egungun, prometeu-lhe que tomaria providências. De imediato, mandou chamar todos de volta. Queria saber qual dos soldados tinha desobedecido suas ordens.



Ao retornarem, os soldados combinaram no caminho que mentiriam para proteger o rapaz desobediente, pois sabiam que Tokwembu seria impiedoso. Forjaram então uma desculpa esfarrapada, na esperança de que o comandante deixasse tudo por menos. Um deles, entretanto, recusou-se a colaborar com a trama, pois era muito temente aos ancestrais e não desejava atuar naquela farsa.

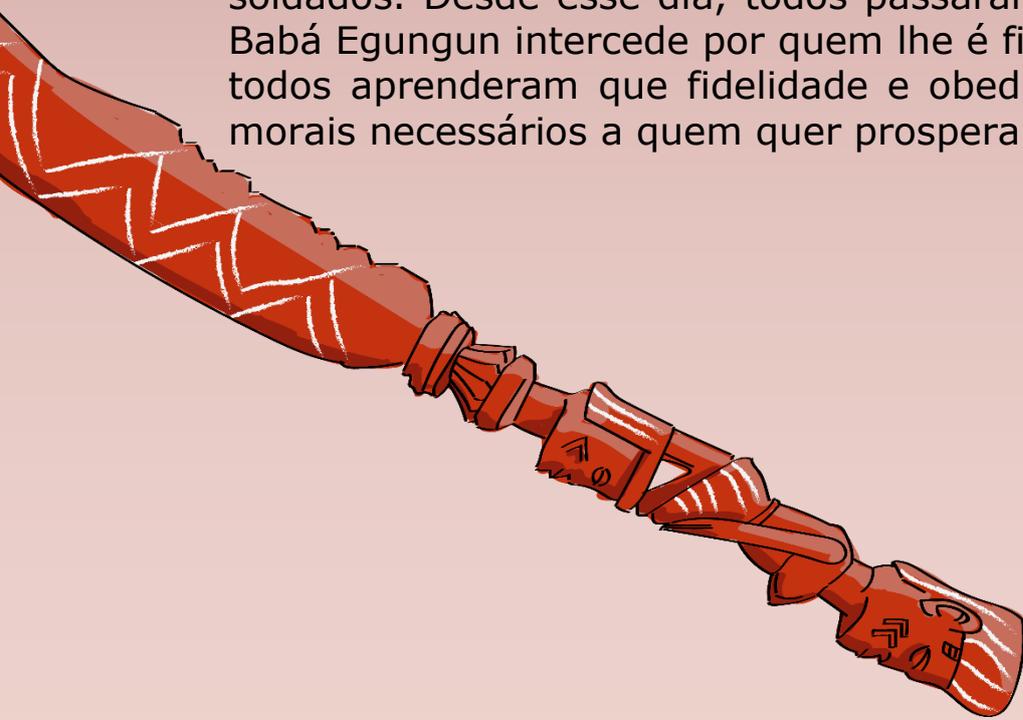
Para não sofrer represálias de seus companheiros e para não ter que saber de detalhes da farsa, optou por seguir viagem sozinho, passando por uma outra estrada e, assim, manter-se fiel a sua crença e ao seu general.

Tokwembu puniu severamente todos os soldados envolvidos naquele mal feito. Sua ira foi tamanha, que todo o exército se calou amedrontado. Todos sabiam que o General não aceitava traições e seria capaz de matar seus próprios homens, se assim julgasse justo.

Quando o último soldado chegou, vindo pela outra estrada, ele prostrou-se diante de Tokwembu implorando-lhe misericórdia. Tokwembu viu que ele falava a verdade, pois ao longe, avistou Babá Egungun dançando e acenando, mostrando que aquele bom rapaz era seu protegido.

Tokwembu mostrou-se orgulhoso da moral inquestionável de seu soldado e deu a ele um posto de comando de parte de seus homens, pois ele sim, era exemplo a ser seguido.

Desde esse dia, todos passaram a dizer que Tokwembu não aceita desobediências e se for traído, pune seus próprios soldados. Desde esse dia, todos passaram a comentar que Babá Egungun intercede por quem lhe é fiel. Desde esse dia todos aprenderam que fidelidade e obediência são valores morais necessários a quem quer prosperar.









Árvore que se curva, vento não quebra

Sempre escutávamos dizer que a humildade é o principal valor de um yawo. Tia Zelina de Oyá, a Ojubonã do terreiro, nos contava uma pequena história para nos incentivar a exercer a humildade em nossas vidas, dentro e fora do terreiro. Era mais ou menos assim:

“O vento soprava forte nas terras Yorubá. Aqui e ali os redemoinhos subiam velozes e bagunçavam os ninhos dos pássaros, arrancando-os do lugar.

O vento, destemido e forte, soprava ruidoso sobre o lago, formando marolas que viravam as canoas dos pescadores.

O vento arruinou a plantação, desfolhando os pés de obi e engastalhando os ramos da batata-doce.

– De onde veio essa ventania? – todos perguntavam.

– Eparrei! Tenha piedade de nossas cidades e campos, minha mãe Iansã!!

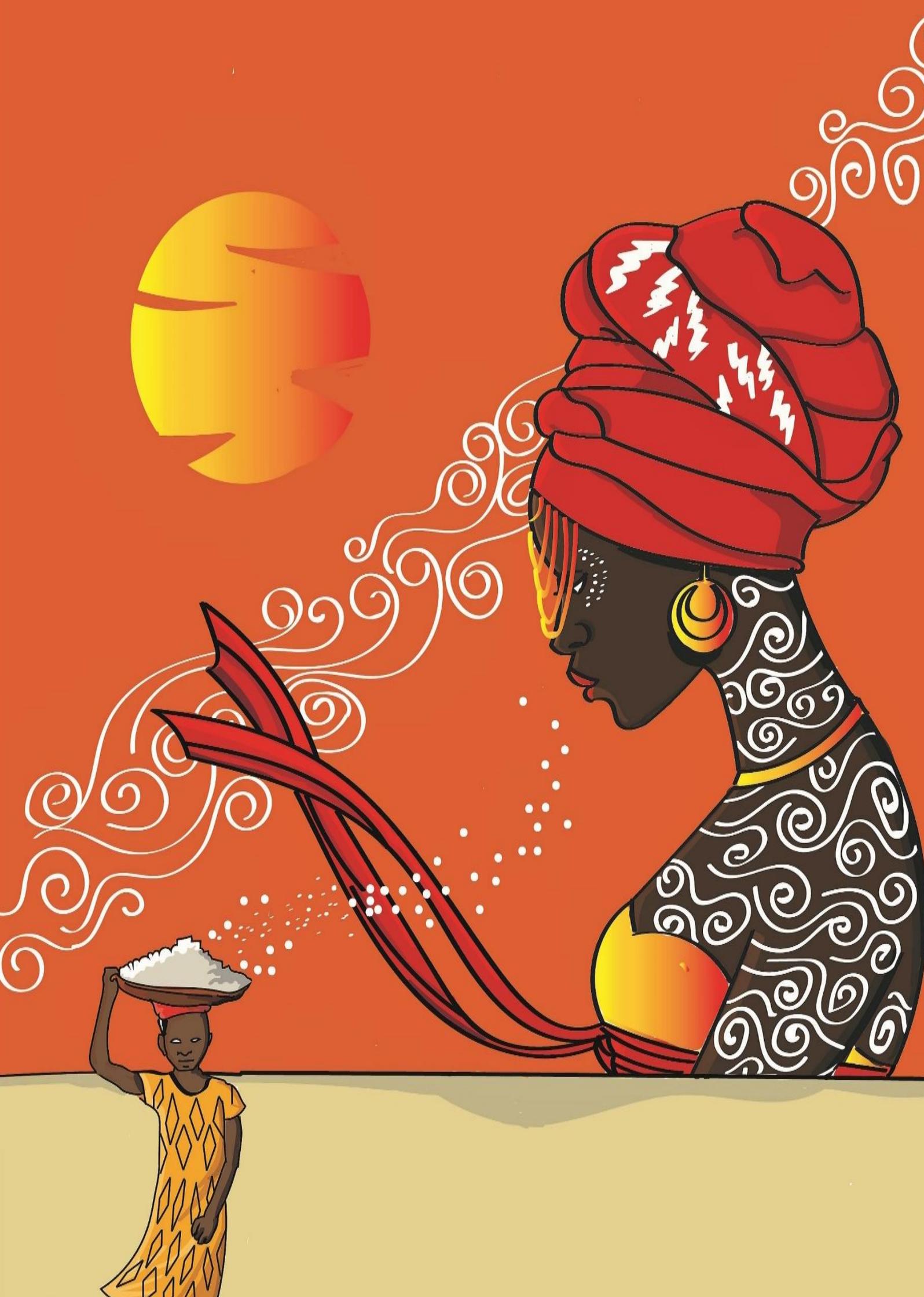
Apesar das súplicas da população à Iansã, Orixá das tempestades e ventanias, o vento continuava a soprar e destelhou casas em um vilarejo localizado na margem direita do rio Osun.

No litoral, o mar ficou revolto, avançou sobre a praia na forma de forte ressaca. Que medo!

Em toda parte, viam-se matas retorcidas, muitas plantas quebradas ou arrancadas pela raiz.

O dendezeiro permaneceu de pé. Perdeu umas folhas, mas não todas, pois sabia dobrar-se ao vento. O bambuzal também não teve todas as suas varas quebradas, pois os gomos do bambu permitiam flexibilidade e as grandes hastes curvavam-se na direção determinada pela tormenta.

Depois que a tempestade passou, viu-se em toda parte muita destruição e pavor. Mas o dendezeiro permaneceu de pé, desgrenhado, mas ainda com algumas folhas. O bambuzal também estava de pé, amarfanhado, mas íntegro.



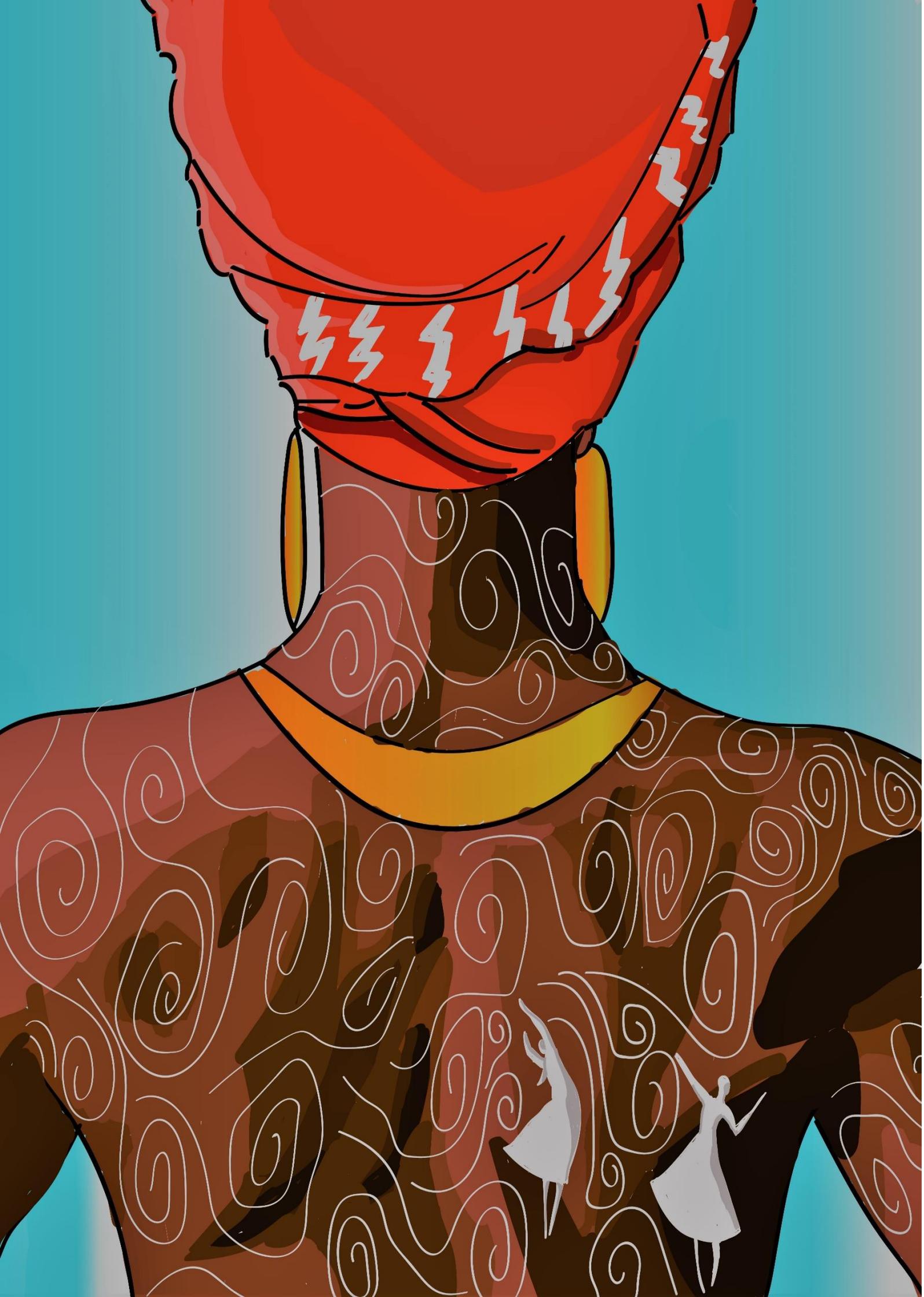
Um velho Babalawo da cidade de Irá observou espantado toda aquela destruição e, com sapiência, disse para seus filhos:

– Estão vendo, meus filhos? Os troncos rígidos se quebraram e os flexíveis se curvaram com o vento. Sejam líderes firmes, rigorosos, mas jamais rígidos. Na vida precisamos aprender a escolher a hora certa para nos curvamos humildemente, para seguir sendo o que somos nos momentos de tempestades.

Os filhos do Babalawo responderam:

– Sim, senhor, meu pai. Que Orixá Ajalá abençoe nossos oris para que possamos ter discernimento, para que possamos ser rigorosos sem sermos rígidos.”





O pássaro condenado à solidão.

Vovó Maria Conga, em um dia de Jurema-de-chão no terreiro de Padrinho Bené, me contou que o bem-te-vi não sabia ficar quieto. Quando o leopardo caçava, o pássaro ruidoso cantava e denunciava o caçador à sua caça.

Quando os soldados faziam cercos em acampamentos de invasores, lá vinha o bem-te-vi cantar e dizer aos inimigos que os defensores do reio se posicionavam para atacar.

Quando a serpente se escondia da ave de rapina, o bem-te-vi cantava alegremente e a cobra tinha que sair às pressas para não ser capturada.

Quando uma mulher contava um segredo para sua amiga na beira do rio, enquanto lavavam roupas, lá ia o bem-te-vi contar para todos que testemunhara a conversa.

Um dia, cansado de receber queixas sobre o bem-te-vi, o rei do clã dos caçadores determinou que o pássaro deveria ser preso em uma gaiola de cipós, que seria exposta em praça pública e que ali permaneceria até que o bem-te-vi aprendesse a ficar calado.

Oxossi não aprecia indiscrições, não gosta de gente (ou bichos) que faz ruídos desnecessários, que faz fofocas e que fala por aí daquilo que não lhe diz respeito.

O bem-te-vi ficou vários dias na gaiola. Ninguém lhe trazia água, tampouco sementes para comer. Que sofrimento!

O bem-te-vi sofreu muito, até que um dia recebeu de volta sua liberdade. Correu pelos céus, feliz, alimentou-se e bebeu água na fonte.

Cantarolou exibido, mostrando para todos que fora finalmente liberto. Mas ninguém comemorou sua liberdade, pois todos sabiam que mais cedo ou mais tarde, ele voltaria a fazer suas intrigas e fofocas.

Nas matas, o bem-te-vi não tem amigos de verdade. Todos sabem que ele gosta de conversar fiado e por isso é um pássaro que não forma bando. É sempre visto sozinho, sem companheiros para divertir-se e conversar.

Vovó Maria Conga disse para tomarmos cuidado com o que falamos, para que não acabemos solitários como um bem-te-vi.

— Passarinho que muito gorjeia, não há bando que o queira.







A perseverança agrada Irossun

Certa vez, ao consultar o jogo de búzios com meu Pai Didi, fui aconselhado a nunca interromper meus projetos de vida e que tudo que eu começasse deveria ter seu desfecho adequado para não acabar atraindo para mim negatividades e desgastes. Babá me contou uma história para ilustrar o que ele queria me aconselhar. Disse mais ou menos assim:

“Irossun, um dos 16 principais Odu, detesta desistências e descontinuidades. Sempre que uma pessoa inicia um projeto, ela deve ir até o fim para não ter problemas com Irossun.

Um homem caminhava por uma estrada sem fim. O silêncio da paisagem só era rompido uma vez ou outra pelo sopro do vento nas árvores ou por um algum pássaro serelepe. A caminhada silenciosa permitiu que o homem pensasse muito em sua vida e ele decidiu que de fato deveria ir embora, buscar uma outra cidade, pois seu vilarejo era muito pequeno e já não oferecia trabalho a homens feitos como ele.

Depois de 4 dias de viagem, o homem chegou às margens de um córrego chamado Opadere, nas proximidades de Ejigbo. O corpo d'água não era grande, mas impedia a passagem sem a utilização de um barco.

Sem saber o que fazer, o homem sentou-se em uma pedra à beira do rio e pôs-se a lamentar. Reclamou da sorte, queixou-se da caminhada e do quanto sua existência era repleta de provações.

Sem saber como seguir seu trajeto, virou-se para o rumo do vilarejo pelo qual passara há algumas horas e pensou que ali seria um bom lugar para tentar a vida.

Nesse momento, deparou-se com Exu, que estava à beira do caminho, com cara de poucos amigos e muito decepcionado. Assustado, o homem exclamou:



– Agô, meu Pai!

Exu, então, repreendeu o homem dizendo-lhe muitas coisas sobre sua ingratidão. Antes de sair em viagem ele havia pedido a proteção de Exu, as bênçãos de seus ancestrais, a misericórdia de seu Orixá e agora, na primeira dificuldade, optava por desistir. Entre gargalhadas sarcásticas, Exu exclamou:

– Ingrato! Depois de nos esforçarmos para te proteger dos ladrões e das feras você simplesmente abandona sua caminhada? Ingrato!

O homem prostrou-se diante de Exu e lhe pediu perdão. Disse que seguiria em frente, que daria um jeito de atravessar o rio.

Passou então a caminhar junto à margem, até um ponto mais estreito do leito, onde pudesse atravessar com segurança.

Surpresa! Poucos metros abaixo de onde parara anteriormente, o rapaz viu uma corredeira onde 4 mulheres lavavam roupas. Viu que era possível saltar de pedra em pedra sem sequer se molhar e, assim, chegar ao outro lado.

Exu, em um salto muito rápido, posicionou-se a frente do homem e riu-se do atrapalhado andarilho.”

Terminada essa história, Pai Didi arrematou:

– Filho, na vida você se deparará com muitos obstáculos que atrapalharão sua trajetória. Nunca perca seu tempo com lamentações. Problemas precisam ser superados com dignidade e resolvidos com sabedoria. Diante dos obstáculos, procure as soluções adequadas para cada situação sem incomodar as pessoas desnecessariamente. Desistência sem luta é fraqueza, é sinal de covardia e, na vida, os homens precisam ser valentes se quiserem prosperar.

Babá encerrou a palestra lembrando-me que se há um rio em nosso caminho, devemos aprender a construir pontes.





Exu é um bom professor.

Uma vez vi Mãe Ambrozina, a Iyamoro lá do meu ilè, preparar o rito do Ipadè e, curioso, perguntei para ela porque ela amava tanto o Orixá Exu, de quem ela falava sempre com respeito e muita reverência. Ela achou engraçada a minha curiosidade de rapazote e para me mostrar a grandeza de Exu, ela me contou muitas histórias que ela ouviu no terreiro mesmo, quando ainda era criança. Vou lhe contar uma que adorei escutar:

Disse ela que uma vidente jovem, muito bonita e comunicativa, perambulava pelo mercado da cidade de Osogbò oferecendo palavras de esperança aos que se dispunham a escutá-la.

Aqui e ali, ela parava e dizia para as pessoas tudo aquilo que elas queriam ouvir. Falava dos sonhos mais íntimos de cada um, daquilo que elas mais queriam e, com isso, foi juntando um monte de gente ao redor de si.

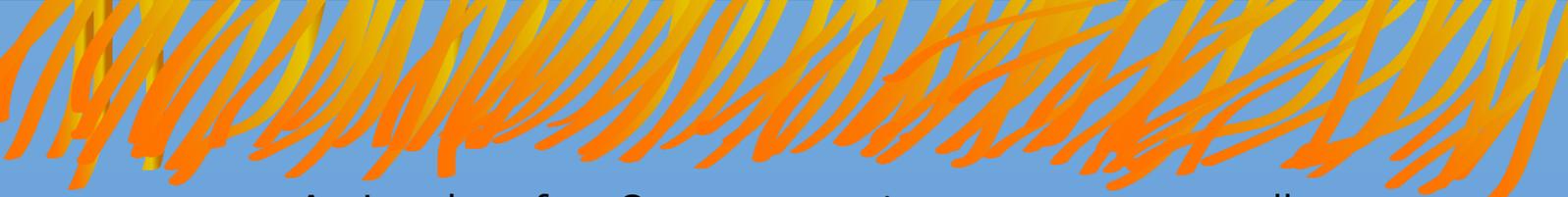
A mulher misteriosa dizia para todos que sem esperança a vida é chata e triste e que se os ouvintes tivessem esperança tudo poderia ser alcançado. Suas palavras eram convincentes e motivadoras.

Exu, sempre muito astuto, resolveu que também deveria ensinar algo às pessoas, mas do seu jeito. Procurou pela pessoa que mais tinha esperança na cidade e encontrou uma senhora que desejava ardentemente reencontrar seu grande amor da juventude.

Exu deu a ela um boneco de madeira com as formas do rapaz, conforme descrição feita por ela: um belo e musculoso mancebo.

Exu lhe disse que ela deveria andar sempre com o bonequinho e o dia que seu amado retornasse, o objeto deveria ser devolvido a Exu com um grande banquete em agradecimento à sua ajuda em encontrá-lo.





Assim ela o fez. Ocorre que o tempo passou, a mulher envelheceu e depois de duas décadas o homem reapareceu na cidade. Já não era mais moço, trazia barba e cabelos esbranquiçados, já não era mais tão viril e no lugar do arco e a flecha, trazia uma bengala. Estava cansado demais para caçar.

A mulher, decepcionada, se desinteressou rapidamente. Procurou Exu e disse-lhe que queria devolver o boneco, que o velhote franzino já não lhe interessava mais, pois agora já não era mais o mesmo homem ativo de tempos passados.

Exu recebeu o boneco e cobrou seu banquete. A mulher, surpresa, disse que não havia cozinhado nada, pois imaginou que não seria necessário, uma vez que não desejava mais casar-se com o homem.

Exu, irredutível, cobrou seu banquete e disse-lhe que a retribuição seria o pagamento dela pela lição que ele deu a ela e aos demais da cidade. A mulher, sem entender nada, perguntou que lição seria essa.

Exu, muito astuto, disse-lhe que ter esperança é bom, é importante, mas ela (a esperança) jamais poderá escravizar o esperançoso àquilo que ele não tem. A esperança deve ser libertadora, promotora da vida, deve ser o sentimento que impulsiona a busca pelo que faz cada um feliz. Mas se ao contrário, ela for vivida de maneira irresponsável, confundindo os sonhos sem que esses tenham metas, a vida trará decepções e perda de tempo.

A mulher compreendeu a lição. Preparou o banquete de Exu e espalhou no mercado o que havia aprendido com seu mestre. E para todos, ela dizia:

— Exu é um bom professor.

A circularidade da vida

Das muitas histórias que ouvi no terreiro, uma me marcou bastante. Foi escrita por Tio Neguinho, um dos Ogãs do terreiro. Ele é poeta e compositor de sambas de grande reconhecimento na cidade, embora ainda seja jovem. Sua figura marcante, de corpo magro e longas tranças africanas, sempre é vista nas reuniões do movimento negro e de defesa de nossa religiosidade.

Na sombra do dendezeiro, tocando seu violão, meio que cantando, meio que recitando, Pai Neguinho declamou mais ou menos assim:

“A água queria ser rio, mas espantou-se com a rigidez da rocha que a impedia de brotar na superfície. A água brigou com a pedra para virar rio e, depois de muito procurar, encontrou uma fenda pela qual pode fluir com suavidade. A água virou olho d’água.

A água inundou o lugar e virou poça. Esforçando-se, transbordou pela primeira vez e escorreu por entre as árvores. Como um pequeno regato, ela fluiu assustada e vagarosa e de repente, encontrou outro filete d’água que vinha de outro canto. Juntou-se a ele e formou um pequeno córrego.

O córrego olhou para si e se viu como algo mais poderoso. Nem se lembrou mais do trajeto percorrido, pois agora podia serelepear com mais fôlego entre as árvores e assim seguir viagem rumo ao desconhecido.

O córrego encontrou outros leitos como ele e ao se juntarem, formaram um rio no qual já era até possível nadar e pescar. Exibido e orgulhoso de si, o rio jogava-se bravamente pelas pedras, formando cachoeiras e corredeiras.

O pescador, contemplando a cachoeira, espantou-se ao ver que ela chora cada gota de água do rio. Que linda!

O rio se juntou a outros rios e formou um grande corpo longo, fundo e largo. O pássaro que sobrevoava a paisagem



se espantou ao ver o tamanho do rio que serpenteia pela mata, indo longe, até perder-se na imensidão da planície.

O rio inundou a planície e virou pântano. Diminuiu de velocidade e ao encontrar o mar, entregou-se a ele com suavidade e submissão.

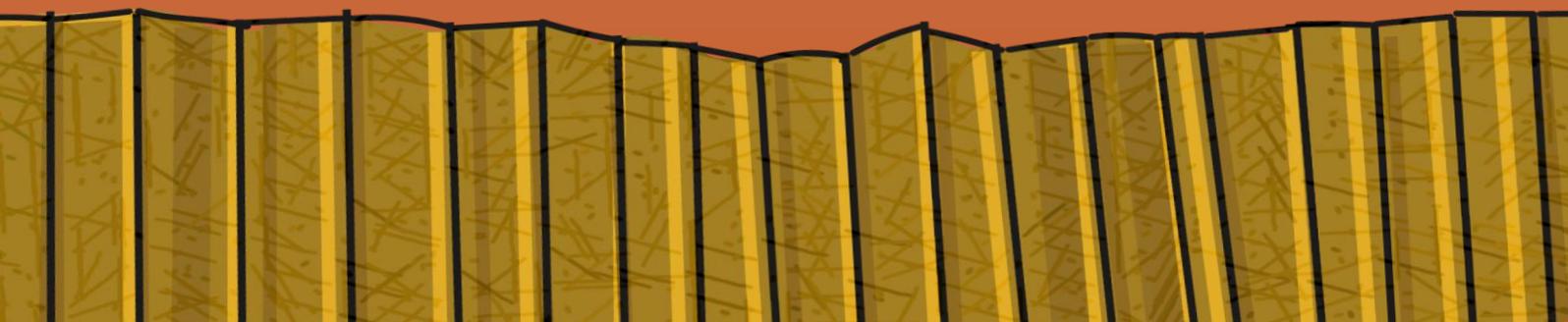
Mas o rio não morreu, não esvaziou e nem secou. O vento que vem do oceano traz muita água de volta para a montanha na forma de chuva, que alimenta a terra com água e assim permite que o olho d'água perpetue seu pranto de água doce."

Tudo na vida, tudo no mundo, segue a lógica dos ciclos. A circularidade da existência faz com que tudo gire, tudo esteja em movimento, tudo comece, termine e recomece.

É preciso ter sabedoria para seguir com perseverança o rumo da vida, que anda sempre em frente, como o ribeirão que marcha rumo ao mar. Todo ciclo tem que ser completado.

Mas assim como o regato que vira córrego, que por sua vez vira rio, é preciso crescer sempre, avolumando-se de feitos e virtudes. No final da vida, quando a glória do rio está nos seus instantes finais, se alarga tanto no pântano que acaba desaguando mansamente no mar.

Quem vive plenamente, na velhice alarga a alma, expande a sabedoria e retorna ao mundo dos ancestrais mansamente, sábio e sem arrependimentos pelas coisas que ficaram para trás.





O altar dos ancestrais

Um juvenzinho entrou na casa de seu avô pela primeira vez. Seus pais haviam se mudado de Ondjiva logo após seu nascimento e agora, anos depois, eles retornaram para visitar o ancião, que a essa altura já estava bem cansado e moribundo.

Orgulhoso da formosura do neto, de sua vivacidade e brilho no olhar, o avô mostrou a ele cada recanto da pequena cidade e cada cômodo de sua casa.

O rapaz mostrou-se curioso com o que havia em um cômodo de teto baixo, chão de terra batida e porta de madeira localizado na parte direita da casa. De lá, pelas frestas da porta se via uma luz difusa, que parecia ser de uma fogueirinha no chão.

O ancião lhe disse: esse é o quarto no qual louvamos nossos ancestrais. Venha, vou lhe mostrar.

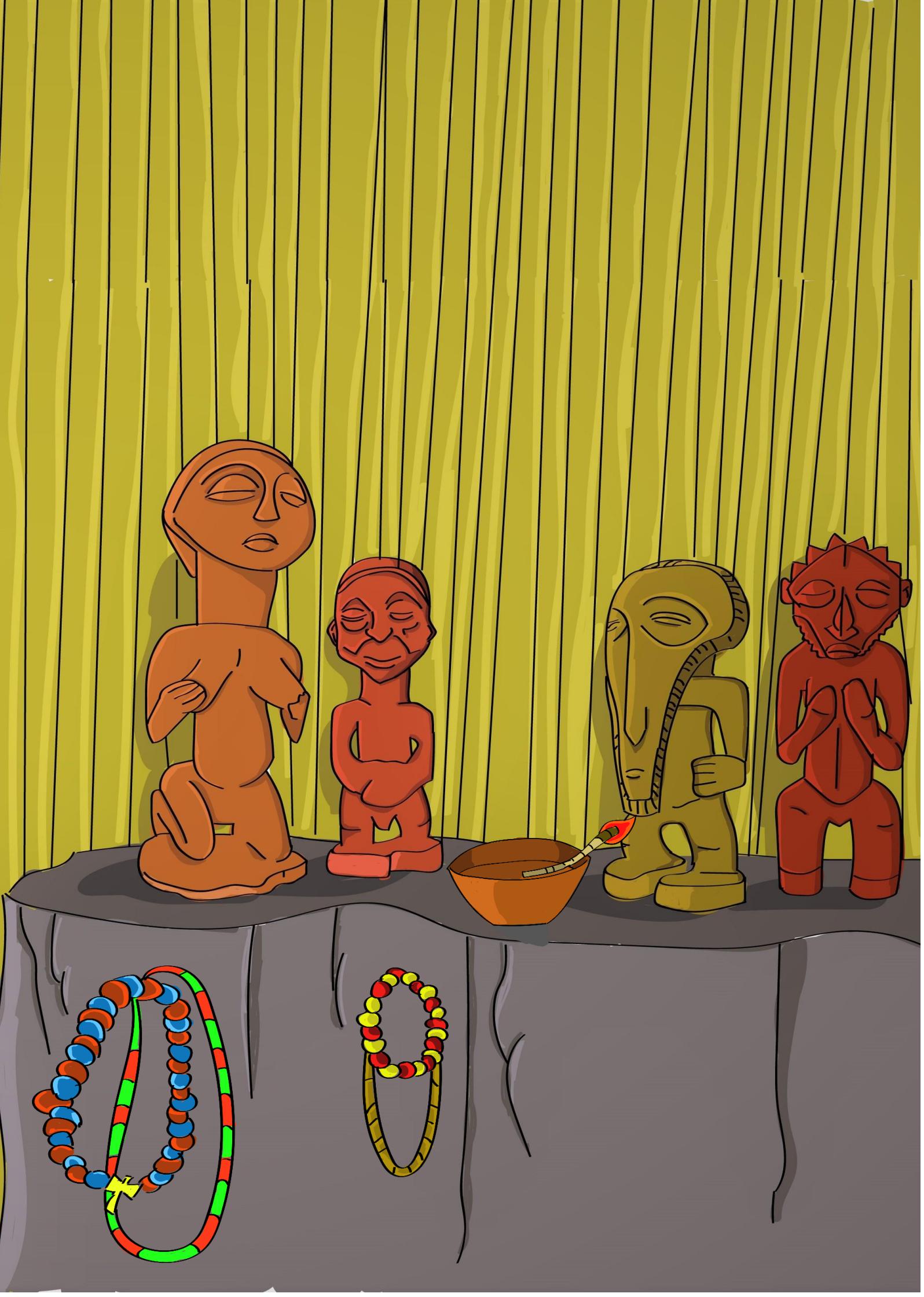
Ao adentrar o quarto, o rapaz se deparou com um cômodo simples, pequeno, no qual havia uma coleção de bonequinhos esculpidos em argila, dispostos em um pepelê simples e magicamente emocionante. Cada escultura representava um falecido de sua família e diante do altar, os familiares depositavam oferendas e rendiam homenagens aos seus mortos.

Ter esses cômodos não era costume na grande cidade de Luanda. O rapaz deteve-se então diante do altar e mostrou-se curioso.

O tempo passou, o rapaz cresceu e nunca mais viu seu avô, que pelo que contam, faleceu alguns meses após sua visita.

Em 1975, quando a grande guerra civil manchou de sangue as ruas de Ondjiva, o moço desejou retornar para a casa de seu avô. Desejou resgatar as estatuetas de seus ancestrais, mas tudo era muito incerto e perigoso.





Foi somente em 2002, quando a cidade pôde ser reconstruída após a guerra, que ele teve como fazer a viagem. Para sua surpresa, a casa estava parcialmente arruinada. O quarto onde seus ancestrais eram venerados ainda estava lá. Algumas coisas inteiras, outras quebradas, mas estava lá.

Lembrou-se de seu avô. Buscou argila na beira do rio e pôs-se a moldar uma estatueta. Após secar, acendeu a fogueirinha e queimou o barro para dar rigidez à pequena representação de seu avô.

Recolheu os cacos, reconstruiu a casa e reposicionou tudo. Fez da casa seu santuário.

A emoção dos dias da reconstrução o fez perceber que em uma terra onde a língua é apenas falada, a decoração dos espaços sagrados conta a história de seu próprio jeito. Aprendeu que o afeto familiar, a memória e os feitos dos antepassados, tudo fica de alguma maneira impregnado nas coisas.

Acendeu as velas, limpou os cantos, recolocou as telhas, remendou o que havia se quebrado. Com isso, ele refez o elo entre o passado e o presente que nunca pode se romper.

O afeto que une uma família transcende o tempo e a carne. Talvez, o maior legado dos nossos ancestrais seja esse aglomerado de gente que afetivamente chamamos de família.







SOBRE O AUTOR

PROF. DR. ANDERSON PEREIRA PORTUGUEZ

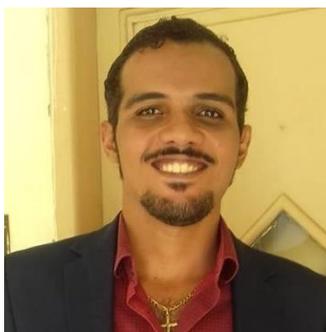


Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e Doutor em "*Geografía e Desarrollo: Territorio Sociedad y Turismo*" pela *Universidad Complutense* de Madrid (Espanha). Realiza estágio de pós-doutoramento em Geografia Cultural pelo Departamento de Geografia da Universidade de Brasília. Trabalha com pesquisas em Geografia Cultural, Geografia do Sagrado e Geografia do Turismo desde 1992. Também estuda temas como diversidade e direitos humanos, gestão participativa do desenvolvimento local, desenvolvimento comunitário e estratégias de promoção da qualidade de vida. É professor Associado I do Curso de Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal – ICHPO-UFU/Universidade Federal de Uberlândia, assim como do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal PPGEF/UFU, principalmente na área de Geografia Cultural e outras disciplinas da Geografia Humana. É Presidente do Instituto Ganga Zumba, Seção Minas Gerais desde 2015. Fundador da Sociedade Cultural e Religiosa *Ilè Àse Tobi Babá Olorigin* (Ituiutaba, MG). Autor/organizador de 18 livros, 40 capítulos de livros e mais de uma centena de artigos científicos publicados em congressos e revistas científicas. Homenageado duas vezes pela Câmara dos Vereadores de Uberlândia por seus esforços em favor da proteção da memória religiosa afro-brasileira no Triângulo Mineiro. Atua no Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável de Ituiutaba e como Conselheiro da Fundação Zumbi dos Palmares, nessa mesma cidade.

Contato: portuguez.andersonpereira@gmail.com

SOBRE O ILUSTRADOR

PROF. IAGO DE PAULA BARBOSA



Possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2016). Atualmente é professor de Educação Básica- História - na Escola Estadual Doutor Fernando Alexandre (Ituiutaba, MG). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Política e Social. Desenvolve estudos sobre educação para as relações étnico-raciais e representações do imaginário africano na educação.



